

FAIANÇA PORTUGUESA NA INGLATERRA E NA IRLANDA¹

Tânia Manuel Casimiro²
Universidade Nova de Lisboa

Introdução

O estudo da faiança portuguesa nas Ilhas Britânicas teve início em 2005 como tema de tese de mestrado em Artefact Studies na University College of London. Durante esse período, os estudos em torno destes materiais circunscreveram-se à capital inglesa e foram orientados pelo Prof. Clive Orton, parcialmente publicados na revista *London Archaeologist*. A escolha deste tema prendeu-se com a tentativa de efectuar um trabalho que permitisse uma aproximação à Arqueologia Portuguesa, contudo, através de métodos, técnicas e teorias anglo-saxónicas.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, geograficamente confinado a Londres, surgiram informações relativas ao aparecimento destes artefactos em diversos locais ingleses e irlandeses, bem como nas antigas colónias inglesas do Novo Mundo. Neste sentido, o tema de uma investigação de doutoramento foi facilmente identificado, sugerindo a continuação dos estudos desenvolvidos anteriormente. O alargamento da área de análise permitiu concluir e compreender na íntegra como Londres, capital de um imenso império ultramarino, representava a forma como os objectos portugueses eram considerados tanto no comércio como na política internacional entre ambos os países. A presença da Irlanda neste trabalho consistiu no facto de os

¹ Projecto financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

² Doutorada em Arqueologia Moderna, Pós-Doc em Arqueologia, Bolseira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa (Av. de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa; tmcasimiro@fcsh.unl.pt).

dois países, hoje política e economicamente independentes, se encontrarem nos séculos XVI, XVII e XVIII sob a mesma governação e permitindo uma maior compreensão entre as dependências e autonomias de cada território. A Escócia encontrava-se inicialmente excluída deste trabalho; no entanto, foi descoberto recentemente em Leith, perto de Edimburgo, um fragmento de prato, confirmando a presença de cerâmicas portuguesas mais a norte.

Mas o que é faiança portuguesa? Neste trabalho foi assumido ser toda a cerâmica produzida no nosso país, recorrendo a pastas claras, beges e rosadas, revestida com vidrado estânico, de cor branca, normalmente pintado com tons de azul, manganês, amarelo e, raras vezes, verde, incluindo enorme variedade formal. A cerâmica revestida a vidrado de estanho foi manufacturada em Portugal através de métodos tradicionais desde meados do século XVI até finais do século XVIII, momento a partir do qual se inicia a sua produção industrial. Foi este o escopo temporal da investigação.

O termo 'faiança' foi utilizado na literatura portuguesa somente a partir da segunda metade do século XIX (Vasconcelos), tendo-se generalizado entre os historiadores de arte e intelectuais, que o importaram de publicações francesas.

Na verdade, nada afiança que a palavra fosse utilizada pelo consumidor português antes e durante a Idade Moderna, sendo as denominações 'louça branca' ou 'louça vidrada' as mais frequentemente empregadas. Desde então, os estudos cerâmicos em Portugal, a par de recentes trabalhos arqueológicos, mantiveram a designação.

Muitos são os arqueólogos estrangeiros que têm identificado faiança portuguesa um pouco por todo o mundo, embora desconheçam em que zona do país seria aquela produzida. Só recentemente, diversos trabalhos suportados por investigações arqueológicas conseguiram distinguir os objectos oriundos dos três diferentes centros produtores. A faiança portuguesa foi manufacturada durante os séculos XVI, XVII e XVIII em Lisboa, Coimbra e em Vila Nova (actual Gaia) (Almeida, Neves, e Cavaco). Lisboa foi certamente a primeira daquelas três a iniciar a produção em meados do século XVI. Esta nova técnica seguia os modelos produtivos espanhóis e é frequentemente encontrada em contextos lisboetas. No que diz respeito a Coimbra e Vila Nova, é possível que oleiros lisboetas, apercebendo-se do sucesso que a faiança teve em Portugal e dos pedidos de países estrangeiros, se tenham dirigido àquelas cidades e, após autorização dos poderes locais, aí tenham estabelecido novos negócios, aproveitando para abastecer áreas mais remotas do país (Casimiro, *Portuguese Faience in England and Ireland*; Sebastian).

Formas e Gramática Decorativa

Não existem muitas formas cerâmicas produzidas em faiança desde meados do século XVI até meados do século XVIII. A variabilidade assentava sobretudo no tipo de decoração e não no formato. Pratos e taças são efectivamente os objectos mais comuns, chegando mesmo a atingir percentagens na ordem dos 95% em alguns contextos arqueológicos.

Relacionado com a forma está sempre a função. No interior de uma habitação, as mesmas formas poderiam servir diferentes funções. Esta observação é especialmente verdade no que respeita a louça comum, mas o mesmo poderia acontecer com os objectos em faiança. Aqueles serviriam sobretudo à mesa, higiene pessoal e farmácia, predominando, como mencionado, formas abertas tais como pratos e taças. Na segunda metade do século XVII, informações obtidas com base em evidências arqueológicas mostram que diversos objectos contendo decoração semelhante seriam certamente utilizados à mesa como parte integrante de um conjunto, algo semelhante às baixelas que aparecerão em finais da centúria seguinte.

Todavia, há certos objectos que, atendendo aos seus atributos físicos e decorativos, não foram fabricados para uso quotidiano mas sim na decoração do ambiente doméstico. As faianças portuguesas identificadas em contextos estrangeiros, especialmente na Europa do Norte e colónias inglesas do Novo Mundo, apresentam sempre uma elevada qualidade e seriam certamente utilizados na ornamentação do lar.

Durante muito tempo os materiais existentes nos acervos de diversos museus nacionais e internacionais foram as únicas fontes disponíveis na determinação das formas produzidas nos séculos XVI, XVII e XVIII. Contudo, escavações arqueológicas revelaram que o número de formas e decorações é maior do que inicialmente esperado. O Regimento dos oleiros de 1572 revela a forma de muitas vasilhas, tais como potes de farmácia, pratos de vários tamanhos, potes e jarros. Outras, não mencionadas naquele documento, são igualmente conhecidas e contam com pratos, taças, terrinas, bules, bacias, potes, jarros, garrafas, caixas, tampas, escudelas, púcaros, pias de água benta, bacias de barbeiro, penicos, especieiros, pichéis, aquamanis, tinteiros, entre muitos outros (Casimiro, *Portuguese Faience in England and Ireland*).

Uma das mais importantes características da faiança portuguesa é a sua decoração, reflectindo o gosto e desejos de consumo das sociedades portuguesa e europeia durante os séculos XVI, XVII e XVIII. Esta cerâmica foi, como já disse, produzida

em três diferentes locais em Portugal; não obstante, os oleiros tendiam a utilizar padrões decorativos parecidos, indicando a existência de uma procura semelhante por consumidores de Norte a Sul do país, muito embora existam algumas decorações que podem ser consideradas como exclusivas de determinados centros ou olarias.

Influências externas estão registadas desde os primeiros momentos de produção, especialmente de países como a Espanha e a Itália e não apenas na decoração, mas igualmente nas formas, possivelmente trazidas por oleiros que viajavam pela Europa.

Ainda que as produções de cerâmicas europeias tenham sido importantes na elaboração de faiança portuguesa, o legado mais significativo foi certamente o da porcelana chinesa. A presença portuguesa no Extremo Oriente e o papel da porcelana nos quotidianos lusos durante os séculos XVI e XVII tornou aquele material influência indiscutível na nova cerâmica portuguesa. A porcelana da China ocupava um papel fundamental nos contextos domésticos portugueses e não apenas em casas abastadas, tais como palácios e conventos, mas igualmente em ambientes mais modestos (Gomes e Gomes; Sabrosa; Casimiro, “Estudo do espólio de habitação setecentista em Lisboa”). Seria a reprodução de símbolos chineses uma tentativa de levar esta nova ‘porcelana’ e um estilo oriental a casas mais modestas?

As influências são tão convincentes que não seria de todo incomum que os consumidores chamassem porcelana à faiança.

Não é possível estabelecer quando começaram os oleiros portugueses a pintar as suas cerâmicas com motivos chineses; no entanto, isso parece ter acontecido entre 1570 e 1580. Uma das mais importantes temáticas decorativas irá ser a divisão da aba dos pratos e das paredes das taças em cartelas, tal como acontecia na cerâmica Wan-li. Nas porcelanas do século XVI aquelas reservas seriam preenchidas com crisântemos, peónias e frutas como pêssegos e romãs. O mesmo vai acontecer na faiança portuguesa. Por volta de 1610 é introduzida uma das mais reconhecidas decorações. Os chamados aranhões tentavam reproduzir o que na porcelana chinesa eram folhas de artemísia, rolos de papel, pedras sonoras, cabaças e leques, entre outros motivos, sempre rodeados por linhas, terminando com pontos que sugeriram, na literatura portuguesa especializada, pernas de aracnídeos. Os oleiros portugueses alteraram o seu significado inicial e adaptaram este símbolo aos modelos europeus. Contudo, a influência chinesa não se restringe exclusivamente à aba. O interior do fundo dos pratos apresenta muitas vezes paisagens com montanhas, rochedos, lagos e cursos de

água, animais como gazelas, lebres, patos, insectos e pássaros, entre outros. Estes motivos eram rodeados por camélias, peónias, crisântemos, flores aquáticas, frutos, símbolos budistas e objectos preciosos. Não será preciso muito tempo para que elementos caracteristicamente europeus comecem a surgir ao lado de motivos orientais. O resultado será, por exemplo, figuras antropomórficas masculinas e femininas de traços europeus em ambientes orientais.

A faiança portuguesa começou como uma produção de luxo destinada exclusivamente às elites, pelo que se tornou comum que famílias importantes tivessem os seus brasões pintados em pratos, taças, garrafas e caixas, de alguma forma semelhante ao que tinha acontecido com a cerâmica italiana e espanhola. Isto ocorreu não apenas com famílias portuguesas e estrangeiras mas igualmente com cidades e ordens religiosas. Estes objectos seriam certamente um símbolo de status social, distinguindo-as das cerâmicas utilizadas por grupos menos favorecidos economicamente. Inicialmente esta cerâmica armoriada seria de uso exclusivo de grupos nobres ou clericais; contudo, na segunda metade do século XVII, não apenas em Portugal, mas igualmente em contextos ultramarinos, estas cerâmicas começam a ser registadas com enorme incidência, demonstrando que estes símbolos haveriam perdido o seu significado inicial. O mais frequente símbolo heráldico é o leão rampante, a representação de muitas famílias não apenas em Portugal, mas também no estrangeiro.

Evidências Arqueológicas

Oitenta e sete escavações ofereceram faiança portuguesa na Inglaterra e na Irlanda. A maior parte daqueles achados foi considerada no presente estudo, tendo sido a maioria presencialmente observados, desenhados e fotografados, exceptuando algumas das descobertas efectuadas em Galway, Dunboy Castle, Cork e Ballyack, guardadas no imenso acervo arqueológico nacional em Dublin, Colchester e Chester. O acesso aos materiais foi facilitado pelos museus e arqueólogos que guardam essas peças e que nos providenciaram igualmente acesso aos relatórios dessas escavações.

Nesta investigação, os arqueossítios foram metodologicamente divididos em domésticos, comerciais e industriais, de acordo com a sua natureza. Considerou-se um ambiente doméstico quando foram identificados vestígios de habitações, não apenas a estrutura, mas igualmente fossas sépticas e lixeiras.

Um sítio comercial foi reconhecido quando a faiança portuguesa entrou no registo arqueológico como alvo de uma transacção de carácter económico. Finalmente entende-se por contexto industrial todo aquele onde a cerâmica terá sido produzida.

Foram identificados 798 objectos em faiança portuguesa nas Ilhas Britânicas. A distribuição destas evidências artefactuais não é consistente, considerando que algumas cidades registam maior número de achados que outras. Curiosamente, apesar de Londres ter sido a cidade onde maior número de locais foram identificados com estes materiais, não foi certamente o núcleo urbano que ofereceu a maior quantidade de peças, sendo superada por Plymouth e por Carrickfergus. Esta cerâmica portuguesa foi sobretudo recuperada em cidades costeiras, historicamente ligadas ao comércio internacional, não apenas com o Sul da Europa, mas igualmente com o Novo Mundo e Extremo Oriente. Aqueles centros urbanos eram os mais importantes e populosos na Inglaterra e Irlanda durante o século XVII. A excepção consiste em dois locais em Devon, Great Torrington e Credinton, onde dois pratos e um pequeno pote foram recuperados.

Das 799 peças, 414 são pratos e 190 taças, correspondendo à totalidade das formas abertas e às formas mais recorrentes, não apenas nas Ilhas Britânicas mas em todos os locais onde a faiança portuguesa foi identificada, considerando que seriam os objectos que os oleiros portugueses mais executariam. Garrafas e jarros correspondem a 32 exemplares, seguidos de quatro potes, três mangas de farmácia e duas tampas. Duas marcas de jogo foram recuperadas na Irlanda, e um único exemplar de uma pia de água benta exumado em Plymouth. Os restantes 160 objectos são fragmentos muito pequenos e impossíveis de identificar.

As formas são muito semelhantes, desde os finais do século XVI aos inícios do século XVIII, confirmando que a tipologia morfológica não sofreu grandes alterações ao longo de mais de um século. As taças e os pratos sugerem modelos chineses, embora as garrafas reconheçam afinidades com produções europeias.

A maioria dos locais ofereceu objectos de excelente qualidade. Na verdade, muitos deles oferecem atributos superiores aos objectos identificados em Portugal, pelo que se acredita tratar-se do que normalmente é identificado na documentação daquela época como cerâmica de *carregaçam*, ou seja, cerâmica destinada à exportação. São objectos que, uma vez entrando no sistema comercial europeu, teriam de competir com produções italianas, espanholas e holandesas. Este tipo de cerâmica de alta

qualidade não é assim tão frequente em contextos portugueses e apenas identificada em edifícios religiosos, nobiliárquicos ou em casas de mercadores, onde haveria poder de compra para as adquirir. São igualmente aquelas que melhor se conservaram em colecções privadas e museus nacionais e internacionais.

Londres foi a cidade onde um maior número de sítios ofereceu faiança portuguesa: 134 peças distribuídas por 27 arqueossítios. A maior parte destes locais ofereceu apenas um ou dois recipientes, apesar de outros, como Narrow Street ou Wood Wharf, terem oferecido números mais elevados (Casimiro, "Portuguese Faience in London"). Tal como em todos os outros locais, a maioria das evidências é pratos e taças, e a sua decoração é sobretudo influenciada por motivos orientais, com muitos aranhões e crisântemos, inseridos em cartelas.

A maior parte dos sítios londrinos com produções portuguesas é de ambientes domésticos. Durante o século XVII os lixos das casas eram depositados em fossas sépticas, abertas no chão, normalmente nas traseiras das casas. Neste sentido, os fragmentos de cerâmica portuguesa encontrados no interior daquelas estruturas seriam ali depositados quando partidos, juntamente com outros resíduos domésticos. A análise dos achados destes contextos revelou a importância da faiança portuguesa em Londres, nas habitações seiscentistas. Toda a cultura material ali identificada revela o potencial económico, social e cultural dos seus proprietários. Verificando o local onde estas casas se encontravam na malha urbana londrina, aqueles seriam os locais escolhidos sobretudo por mercadores e comerciantes para viver. O Booth's Poverty Map, organizado em finais do século XIX, regista geograficamente os lugares onde as diferentes camadas sociais viviam nas cidades. Quase dois séculos depois, os locais onde a faiança portuguesa foi identificada encontram-se marcados a vermelho, correspondendo a uma *well-to-do middle class*, ou a amarelo, relacionado com a *wealthy upper-middle and upper classes*.

Observando as pastas, vidrados e decorações, é possível reconhecer que o mais importante centro produtor português a enviar cerâmica para Londres foi Lisboa, embora também tenham sido identificados achados de Vila Nova.

Apesar de os ambientes domésticos terem sido aqueles que mais artefactos ofereceram, estes foram igualmente identificados em outros tipos de sítios arqueológicos. Edifícios localizados em Queensborough House e Platform Wharf foram identificados como locais de produção industrial. No seu interior e proximidades, foram descobertos fornos e lixeiras de London Delftware, a cerâmica esmaltada produzida naquela localidade.

No primeiro dos locais exumou-se uma pequena taça com decoração vegetalista de inspiração oriental e, em Platform Wharf, dois grandes pratos (Stephenson).

A presença destes materiais em locais de produção pode ter diversas interpretações. Seria comum aos oleiros, não apenas em Portugal, mas em diversos centros de produção europeus, adquirir objectos fabricados noutras olarias nacionais ou estrangeiras, de diferentes tamanhos e feitios, utilizando-os como modelos para possíveis imitações. Os oleiros assegurariam assim que as suas produções seriam de alguma forma semelhantes a outras produções europeias, aumentando o seu negócio. Por outro lado, não devemos ignorar o facto de alguns estudos etnoarqueológicos e informações documentais terem demonstrado que quase todas as olarias europeias modernas possuíam a sua própria loja (em Portugal conhecida como 'tenda'), destinada a vender a produção. Poderiam aquelas vender, juntamente com os produtos ali manufacturados, importações europeias, complementando o negócio? Em Platform Wharf e Queensborough House, vidrados de sal alemães, majólica italiana e cerâmicas revestidas a vidro de estanho holandesas e espanholas foram recuperadas, a par das portuguesas, suportando esta teoria.

Os arqueossítios designados por comerciais são aqueles onde foi recuperada faiança portuguesa aquando da sua circulação enquanto objecto com um valor intrínseco, destinado a ser comercializado. Wood Wharf, Borthwick, Paynes Wharf e Jacob's Island estão incluídos nesta designação. Os dois primeiros locais foram interpretados como cais em madeira onde navios da Companhia das Índias Orientais aportariam regressados das suas viagens transcontinentais.

Plymouth é a cidade inglesa que ofereceu o maior número de objectos em faiança portuguesa. Apesar de os achados serem oriundos de nove sítios diferentes, a escavação efectuada em Castle Street, interpretada como a lixeira da cidade durante o século XVII, ofereceu quantidades significativas. As enormes quantidades de cerâmica, vidro e restos de alimentos sugerem efectivamente essa funcionalidade.

O interesse neste sítio não é apenas o elevado número de fragmentos, mas sobretudo o facto de a maior parte poder ser classificada como peças de uso quotidiano. Ao contrário do que ocorre em todos os outros locais nas Ilhas Britânicas, em Castle Street encontramos o que em Portugal seria utilizado nas mais variadas actividades domésticas.

Não é fácil interpretar por que são encontrados objectos de menor qualidade produtiva nesta cidade. No entanto, não se

pode ignorar a hipótese de aquelas peças terem sido utilizadas por uma comunidade de portugueses que ali viveriam. Esta teoria é suportada por diversas evidências. É bem conhecida a presença de mercadores portugueses a viver naquela cidade, especialmente judeus. Existe ainda uma artéria urbana denominada Madeira Road muito próximo daquele sítio. É possível que a comunidade portuguesa que viveria naquela cidade pudesse utilizar pratos, taças e garrafas adquiridos em Portugal. Corroborando esta teoria, surgem centenas de fragmentos de cerâmica comum produzida igualmente no nosso país. Tratar-se-ia sobretudo de peças importadas, como contentores de produtos, tais como marmelada, doces, tinta, mas igualmente como recipientes utilizados em actividades domésticas, como comer, beber e armazenar. Panelas, alguidares, pratos, púcaros, taças, jarros, garrafas e cantis estão entre as formas identificadas. Este tipo de objectos existiria certamente nas olarias locais, então porque adquiri-los em Portugal? A explicação mais plausível passa pelo facto de a nacionalidade dos utilizadores desta cerâmica ser portuguesa. A presença de uma pia de água benta parece reforçar ainda mais estas afirmações. Teria sido certamente utilizada no interior de uma casa cristã, muito possivelmente na casa de um qualquer estrangeiro que ali se teria estabelecido, atendendo a que os habitantes ingleses de Plymouth seriam certamente protestantes.

Os registos portuários portugueses revelam que diversos barcos, oriundos daquela cidade inglesa, se dirigiam ao Porto, Coimbra e Lisboa para adquirir produtos portugueses que levariam de volta para Inglaterra, bem como para outros destinos, tais como a Terra Nova e outras colónias inglesas. Apesar de nenhum destes documentos confirmar a entrada de cerâmica portuguesa em Plymouth, os seus mercadores, presença habitual por terras lusas, certamente que estariam conscientes da sua existência.

Nove distintas localidades revelaram a existência de faiança portuguesa em Devon. Tal como ocorreu em Londres, a maior parte dos sítios estava relacionada com ambientes domésticos em áreas onde viveriam sobretudo mercadores ligados ao trato internacional, ou pessoas ricas com outras actividades. Em Exeter, vinte diferentes arqueossítios revelaram a presença de cerâmica portuguesa, em nove casas onde se sabe ter habitado gente de grande capacidade económica. Cada um destes locais continha um, dois ou três fragmentos da cerâmica em apreço, pelo que o número de descobertas não é tão elevado como noutras cidades. Todos os objectos apresentam elevada qualidade com pastas muito homogéneas. A decoração é sobretudo

de influência oriental, com pratos e taças contendo aranhões e paisagens centrais com flores e pássaros. Dois pratos revelam as pequenas espirais de influência espanhola.

Devon é uma das partes de Inglaterra que no século XVII estabelece contactos com novos mercados espalhados pelo globo. Estas relações comerciais permitem a aquisição de enormes quantidades de novos produtos, como cerâmicas. Faianças portuguesas foram recuperadas em Exmouth, Bideford, Barnstaple, Great Torrington, Dartmouth, Credinton e Totnes.

A maior parte dos locais onde foi encontrada faiança portuguesa está relacionada com mercadores ricos ou casas nobres com poder comercial e mesmo político. Algumas vezes é mesmo possível identificar algumas das famílias que viveriam naqueles edifícios. Em Dartington Hall, um enorme fragmento de prato, decorado com pequenas espirais, fazia certamente parte do quotidiano da família Champernowne, os donos da propriedade desde o século XVI. O mesmo acontece no castelo Berry Pomeroy, cuja propriedade era detida pela família Seymour, parentes da terceira mulher de Henrique VIII.

Bristol foi uma das maiores cidades inglesas durante o século XVII, mantendo relações comerciais com diversos países europeus, mas igualmente com as colónias inglesas da América do Norte. A presença de diversos barcos oriundos daquela cidade é frequente nos registos portuários portugueses, levando de volta vários bens, como vinho, sal, fruta, açúcar e cerâmica.

O *Livro da Portagem do Cabido da Sé do Porto* registou, em 24 de Maio de 1668, o “Santa Ana”, mestre John Many, que levantou âncora em direcção a Bristol. No seu porão levava “*oito moyos de sal e vinte/ e cinco dúzias de louza e uma caixa de assucar Branco*” (ADP/CABIDO/ Lv.152/1668/fl.24v.), despachados por Thomas Mally, claramente um inglês, a viver no Porto. No ano seguinte chega a Bristol o navio “Isabella”, vindo de Lisboa com “*17 cashes o oyle at 7th 900 milvees and iiic plates*” no porão da carga (E190/1137/2/fl.12v.).

Apesar de evidências arqueológicas demonstrarem que Bristol estava a receber cerâmica de Lisboa e do Porto, apenas evidências das produções lisboetas têm sido descobertas. Uma escavação arqueológica em Saint Nicholas identificou uma casa, no interior da qual foi recuperada uma interessante colecção de peças portuguesas de meados do século XVII. Um dos achados é certamente uma das mais interessantes descobertas efectuadas, entre os mais de setecentos achados identificados em ambas as ilhas e a única peça de cerâmica portuguesa datada. Objectos datados não são muito frequentes em colecções arqueológicas, e é interessante verificar como a data de 1652

corresponde à cronologia do contexto arqueológico, confirmado através da descoberta de numismas e outras cerâmicas. Trata-se de uma garrafa que, para além da data, ainda apresenta um brasão. Outro fragmento, de jarro ou garrafa, apresenta outro brasão, embora o seu estado de fragmentação não permita identificá-lo.

A decoração heráldica presente nos dois artefactos é bem diferente dos brasões que normalmente identificam as famílias nobres portuguesas, mas algo semelhantes a outras, encontradas em objectos de faiança portuguesa, representando famílias ou cidades europeias. Não é possível saber a que famílias seriam aqueles destinados, mas esta é a prova de que Lisboa estava a produzir bens dirigidos a outros mercados. Tal constatação já havia sido feita através da análise de outros materiais identificados em museus europeus (Keil), embora objectos de tamanha delicadeza sejam raros em contextos arqueológicos.

Estas garrafas podem ter feito parte de alguma encomenda específica, celebrando possivelmente um ano especial na história de uma família, utilizando as suas representações heráldicas. Ou então teriam sido simplesmente produzidas sem destinatário final e enviadas para Inglaterra, podendo ser adquiridas por qualquer família com um brasão semelhante. Aquelas insígnias eram claramente um símbolo de distinção social da mais alta sociedade, e não cremos que os objectos fossem utilizados por todos, mas apenas por gente com capacidade económica para as adquirir.

Aberglasney Abbey, no País de Gales, tem a única evidência de azulejos recuperados nas Ilhas Britânicas. A propriedade foi ocupada pela família Rudd até 1710, gente de grande influência na corte, e um dos seus parentes um grande nome na classe clerical, o bispo Rudd. Diversas remodelações foram feitas durante o século XVII e até à data em que a família alienou a casa para pagar dívidas. O azulejo português faria parte de uma cercadura de painel com decoração vegetalista, algo muito comum em Portugal entre 1630 e 1650, correspondendo à classificação B62 de Santos Simões (Simões 186). Ao centro seria comum um padrão geométrico conhecido como tapete e que estaria entre as mais frequentes produções das olarias portuguesas até pelo menos 1670, quando o uso de azulejos policromos começa a desaparecer, dando lugar a paisagens azuis e brancas.

Apesar de apenas um azulejo ter sido identificado em Inglaterra, os registos alfandegários londrinos revelam que diversos navios portugueses saíram do nosso país com azulejos a bordo em direcção à capital inglesa durante a segunda metade do século XVII (Casimiro, *Portuguese Faience in England*

and Ireland). É possível que azulejos portugueses decorassem o interior de diversas casas, igrejas e jardins, não apenas em Londres, mas igualmente nas cidades em seu redor, ainda por descobrir. Um padrão de tapete revela que as olarias portuguesas não estariam a produzir motivos exclusivos para o mercado inglês, apesar de a ideia não ser de todo absurda. Se produziam garrafas e pratos com símbolos heráldicos de diversas famílias norte europeias, porque não painéis com desenhos a partir de encomendas?

A análise dos objectos recuperados na Irlanda tem de ser feita tendo em atenção os locais onde aqueles foram recuperados, normalmente no interior de casas onde habitariam ingleses, nobres ou mercadores. Aquelas pessoas, apesar de geograficamente distantes das suas casas, procuravam manter o estilo de vida inglês adquirindo bens específicos como comida, roupas, mobiliário e mesmo cerâmicas. As suas casas corresponderiam aos modelos das habitações inglesas não apenas na arquitectura, mas também na decoração. Esta é a razão por que cerâmicas portuguesas, espanholas, francesas, italianas, holandesas e inglesas são recuperadas em grandes quantidades. As descobertas efectuadas na Irlanda apresentam uma qualidade semelhante aos objectos identificados em Inglaterra. A sua localização é exclusiva de cidades portuárias. Até ao momento nada foi registado em sítios no interior.

Em Galway, objectos extraordinários foram recuperados, demonstrando não apenas elevada técnica de produção mas também com decoração muito elaborada. Um dos objectos mais emblemáticos é uma garrafa, muito semelhante em forma e decoração a certas garrafas actualmente em exposição no Museu de Hamburgo que, durante muitos anos, foram consideradas produções alemãs, devido à presença de muitos brasões de famílias alemãs. A garrafa em apreço demonstra qualidade muito elevada, destinada a ser enviada para algum país estrangeiro. No centro do corpo, onde normalmente se encontra a decoração heráldica, vislumbram-se vestígios de um dragão. A deste animal, um símbolo do imperador chinês, pode ter várias interpretações. Teria sido feita para ser usada e apreciada por alguma família abastada, mas que não possuísse brasão próprio, ou simplesmente para satisfazer o desejo de consumo de bens orientais através de cerâmica exótica? Esta garrafa estaria certamente em exibição em alguma casa muito rica, onde a sua forma fina, vidro brilhante e decoração artística atrairiam a atenção de todos.

Outro objecto muito interessante é o fundo de um prato decorado com as letras "...ANDA" o que se crê serem as últimas

letras do nome FERNANDA, um nome muito comum já naquela época. É impossível saber se este prato seria utilizado por alguém com este nome ou se terá sido adquirido apenas com base nas suas características estéticas. Contudo, e tendo em atenção a presença de diversos mercadores ibéricos que viveriam naquela cidade, não será difícil avançar com a primeira hipótese. Sempre se acreditou que estes nomes reproduzissem o nome de quem detinha e utilizava aquelas peças; no entanto, até recentemente não tinha sido possível confirmar esta observação. Em escavações arqueológicas desenvolvidas na última década em Ferryland (Terra Nova – Canadá) foram descobertos diversos pratos e taças com as letras S.K. A dúvida acerca do significado daqueles caracteres poderia ter persistido se não soubéssemos que uma das mulheres mais influentes a viver ali foi *Lady Sarah Kirke*. Pela primeira vez foi possível estabelecer uma relação directa entre um objecto de faiança portuguesa e o seu dono, fazendo-nos acreditar que a maior parte dos nomes reconhecidos em taças e pratos correspondem às pessoas que os utilizaram.

No entanto, existe uma possibilidade menos evidente de que aquelas letras possam corresponder às últimas quatro letras do nome IRLANDA. Esta interpretação não é tão comum, considerando que não se conhecem objectos com o nome de países ou cidades escritos na cerâmica. No entanto, esta possibilidade interpretativa não deve ser de todo descartada. O nome da ilha aparece na documentação portuguesa do século XVII como “Reino da Irlanda”. Os objectos encontrados em Galway, todos produzidos em Lisboa, são de excelente qualidade e usados pelas elites mercantis.

A colecção recuperada em Carrickfergus deve ser analisada com muita atenção. Primeiramente porque se trata de um contexto datado de finais do século XVI e inícios do século seguinte, mas também porque se trata de um dos sítios onde um maior número de objectos foi identificado. Estas evidências arqueológicas permitem tirar algumas conclusões acerca das primeiras exportações. Os recipientes recuperados em Carrickfergus oferecem uma excelente qualidade com vidrados brancos e aderentes e pastas claras. A cor azul é forte e consistente, sem qualquer evidência de amarelo ou manganês, característica dos primeiros tempos de produção. Todos os recipientes foram fabricados em Lisboa e, atendendo às suas semelhanças, possivelmente até na mesma oficina. Contudo, até mesmo em Lisboa não é sempre fácil a identificação de contextos tão recuados com cerâmica desta qualidade, visto que aqueles seriam sobretudo destinados a gente muito abastada ou para serem exportados. Coimbra e Vila Nova

começavam as suas produções neste momento e não se encontravam ainda capacitadas a produzir objectos desta qualidade.

A decoração apresenta motivos de inspiração oriental, tais como as paisagens centrais, pêssegos e a aba dividida em cartelas, com flores num estilo muito naturalista, característica das primeiras produções. A ausência de aranhões confirma que lidamos com um dos primeiros momentos produtivos, quando os rolos de papel e as folhas de artemísia, que a porcelana *kraak* generalizará na Europa, não são ainda uma moda que os oleiros portugueses queiram reproduzir. Esta colecção apresenta ainda diversas linhas cruzadas, ziguezagues e pequenas espirais de influência espanhola.

Importa igualmente destacar que a faiança portuguesa corresponde quase a 90% do total de cerâmica com vidro estanífero ali recuperado, enquanto os restantes 10% correspondem a cerâmica inglesa. Esta predominância dos achados portugueses pode ainda ser considerada um indicador cronológico atendendo a que, em finais do século XVI, a produção inglesa se encontrava ainda a dar os seus primeiros passos. No entanto, é impossível saber porque alguém naquela cidade decidiu adquirir faiança portuguesa em vez de outras cerâmicas. Esta escolha pode estar relacionada com o gosto e com o facto de as pessoas que as adquiriram admirarem louça ao estilo oriental através de um mercador que comercializasse com Lisboa. Deve ser recordado que, na primeira metade do século XVII, Carrickfergus era ainda uma importante cidade comercial, responsável por parte significativa do comércio na Irlanda do Norte e Ulster. Apesar de uma colecção importante, o contexto onde aquelas peças foram exumadas é uma vala aberta durante a reconstrução de uma porção da muralha da cidade, por isso impossível de atribuir a uma utilização mais pessoal. Contudo, o facto de aquelas terem sido identificadas na proximidade umas das outras sugere que foram utilizadas no mesmo ambiente doméstico. Poderia ser esta a casa de um mercador ou uma caixa de louça vinda de Portugal que nunca chegou ao seu destino?

Para além de Carrickfergus, apenas Londonderry na Irlanda do Norte ofereceu objectos, no entanto, se a primeira localidade revelou ser um dos arqueossítios mais recuados daquela ilha, as cerâmicas recolhidas no segundo local são efectivamente um dos contextos mais recentes, datado entre 1670 e 1690 e correspondendo ao que geralmente se encontra em contextos dos finais do século XVII, aqui em Portugal. A decoração é sobretudo constituída por teoria de semicírculos concêntricos e motivos vegetalistas tais como fetos, a par de motivos de influência chinesa tais como aranhões e flores.

Faiança portuguesa foi igualmente encontrada em Dublin, Limerick, Cork, Waterford e Wexford, apesar de em quantidades mais reduzidas.

Conclusão

Cronologicamente os objectos em faiança portuguesa recuperados em Inglaterra e na Irlanda podem ser inseridos em contextos datados entre 1590 e 1720, diminuindo a sua presença a partir de 1660. Este corte na importação de cerâmica portuguesa por países estrangeiros parece ter sido um fenómeno generalizado desde finais do século XVII, o mesmo ocorrendo nos Países Baixos e na Alemanha. As razões para esta queda e desaparecimento de faiança portuguesa nos contextos estrangeiros estão ainda por ser explicadas, mas algumas razões internas e externas devem ser consideradas.

A maioria das cerâmicas portuguesas em Inglaterra foi reconhecida em cidades costeiras onde os seus habitantes estariam envolvidos em sistemas internacionais de comércio. Na verdade, estes bens foram identificados nos mais importantes centros urbanos ingleses e irlandeses durante o século XVII. Aqueles mantinham contactos regulares com a Península Ibérica, Ilhas Atlânticas, Nova Inglaterra e Índias Orientais. Dentro das cidades deve ser mencionado que os arqueossítios oferecendo cerâmica portuguesa estavam perto de mar ou de rios onde cais, armazéns e as casas de mercadores estavam localizadas. Observando o mapa da distribuição dos achados, observa-se ainda que eles estão sobretudo localizados no Sudoeste de Inglaterra e ao longo da costa irlandesa.

Os arqueossítios corresponderiam ainda a casas de famílias com elevado estatuto social. Um dos mais ricos grupos sociais em Inglaterra, durante o século XVII, foi certamente o dos mercadores, e a faiança portuguesa é achado recorrente nas suas casas. A sua função era essencialmente decorativa, atendendo a que a maioria não apresenta quaisquer marcas de uso. Estas seriam casas onde os habitantes teriam um acesso privilegiado a produções cerâmicas portuguesas, entre outros produtos, possivelmente adquiridos durante alguma viagem de negócios a Portugal. Os recipientes oferecem excepcionais características físicas e estéticas, o melhor que se produziria no país naquele momento. Um estudo realizado por Lorn Weatherill demonstra que a os mercadores da marinha mercante gastavam mais dinheiro em cerâmica, vidros e livros que a nobreza. Não se sabe o que motivava estas compras, mas esta pode ser uma das razões

porque as casas dos mercadores oferecem mais cerâmica que as habitações dos nobres. Mesmo na Irlanda as evidências de cerâmica foram recuperadas nas casas de comerciantes ingleses.

A ausência de contextos irlandeses tradicionais revela que os ingleses ali instalados utilizariam certamente a cerâmica europeia, portuguesa incluída, numa tentativa de reproduzir padrões sociais e culturais mantidos por membros de uma sociedade semelhante em Inglaterra. Até mesmo longe dos centros políticos e culturais, os ingleses que viviam na Irlanda tentavam manter o seu estilo de vida.

Na verdade, desconhece-se por completo como adquiriam estas pessoas aqueles objectos tanto na Inglaterra como na Irlanda. Os documentos revelam quantidades consideráveis de cerâmica portuguesa nos portos ingleses. Contudo, desconhece-se se chegariam a casa das pessoas através de alguma encomenda especial ou se seriam simplesmente vendidas em lojas e olarias. Atendendo à recuperação de alguns exemplos dentro de armazéns que sabemos guardarem bens provindos de outros países, é possível que a faiança portuguesa fosse vendida em lojas. No quadro de Samuel Scott, representando Covent Garden, no século XVIII, surge uma bancada de madeira onde estão expostos diversos objectos de cerâmica vidrada branca decorada a azul. Ainda que os recipientes ali figurados apresentem as características das produções londrinas daquele período, nada nos indica que as cerâmicas importadas não fossem vendidas da mesma maneira. A faiança portuguesa estava presente nos itinerários comerciais, em navios e armazéns, apesar de não ser possível determinar o preço.

Os documentos revelaram-se muito úteis. Foi possível estabelecer que o mercado Inglês adquiriu grande quantidade de cerâmica portuguesa, não apenas faianças, mas azulejos e também cerâmica comum. Aquelas alcançaram as ilhas sobretudo em barcos ingleses, com muito poucos mercadores portugueses envolvidos. Alguns deles, apesar de possuírem claramente nomes de famílias de judeus portugueses, poderiam já não o ser.

Considerando que a maioria dos objectos seria utilizada na decoração das habitações, dentro de armários ou sobre as mesas e prateleiras, a decoração seria um dos mais importantes aspectos. A ornamentação mais recorrente passa pelos aranhões e crisântemos, de inspiração chinesa, inseridos dentro de abas divididas em cartelas, com exemplos interessantes em Londres, Faversham, Poole e Exeter. Existem igualmente decorações vegetalistas como fetos, grandes folhas e pétalas, decorações desenvolvidas em exclusivo para a faiança portuguesa.

Rendas e pequenas espirais, seguindo modelos europeus, são igualmente uma presença frequente. A sua decoração azul e branca tornava-as parte de um enorme e variado grupo de cerâmicas produzidas em muitos países europeus, bem como na China, onde estas cores sobressaíam.

O século XVII marca um momento na sociedade inglesa, bem como no resto da Europa, quando se desenvolve um gosto por objectos excêntricos e exóticos. Apesar de a cerâmica ser a sobrevivência mais numerosa nos contextos arqueológicos, a sua presença seria complementada com mobiliário, têxteis, marfins, cheiros e comida.

Uma das mais frequentes importações cerâmicas nos contextos pós-medievais ingleses é certamente a porcelana chinesa. Devido à sua delicadeza e beleza, era requisitada frequentemente em muitas casas. As restantes cerâmicas ali encontradas parecem funcionar como um complemento às produções orientais, preenchendo a exigência por bens exóticos, satisfazendo o gosto pela *chinoiserie*. Contrariando o que alguns autores defendem, o objectivo da faiança portuguesa não era substituir o consumo de porcelana chinesa. É impossível comparar ambas as produções. No entanto, os oleiros portugueses compreenderam que, embora a porcelana chinesa fosse frequente em Portugal e na Europa, não existia em quantidade suficiente para colmatar as exigências do mercado, especialmente no que diz respeito a gente menos abastada.

No entanto, e considerando as elevadas qualidades dos achados efectuados nas Ilhas Britânicas, a faiança portuguesa não estaria a chegar àquele destino a preços muito reduzidos, especialmente até 1635, momento em que a produção se intensifica e o consumo aumenta. Os objectos encontrados em Inglaterra e na Irlanda oferecem uma qualidade não comparável às das outras produções europeias desta altura. De facto, exceptuando as produções italianas, seria muito difícil encontrar objectos desta qualidade na Europa em data anterior a 1640. Existiriam peças de elevado valor. Como defende Isabel Maria Fernandes, “a faiança portuguesa, tal como outro mobiliário, joalheria, roupas e outros bens era a imagem de marca dos seus detentores” (Fernandes 13).

As peças decoradas a violeta de manganês são em número muito reduzido, com apenas alguns exemplares em Londres, Plymouth e Londonderry. Esta ausência está relacionada com o momento da sua importação. O contorno a violeta começa timidamente a aparecer nos anos 50 do século XVII, afirmando-se a partir de 1660, momento a partir do qual a exportação de faiança diminui. Por outro lado, aquela cor não seria tão apreciada

como o azul e não corresponderia ao que seria exigido pela sociedade inglesa da altura.

Apesar de todos os arqueossítios serem únicos e necessitarem de interpretações isoladas sobre a presença de cerâmica portuguesa, algumas conclusões gerais podem ser retiradas. Todos eles apresentam uma rica cultura material, bom indicador da riqueza dos seus proprietários. Na verdade, nos poucos casos em que foi possível reconhecer a identidade do proprietário do espaço escavado, aquelas são sempre famílias nobres tais como os casos do Castelo Pomeroy ou do castelo de Dublin, cujos habitantes tinham relações muito estreitas com a coroa e o monarca. Neste sentido, parece que a faiança portuguesa partilhava o estatuto de elemento decorativo juntamente com outras cerâmicas europeias e outros produtos, confirmando o estatuto social de quem a possuía. Seria claramente um símbolo de prestígio que favoreceria a manutenção dos espaços culturais/domésticos europeus.

É problemática a avaliação da importância da faiança portuguesa nos contextos ingleses e irlandeses. A cultura material identificada nestes países é tão vasta e diversificada que a faiança portuguesa não ocupou certamente um lugar de destaque e seria certamente mais um item de prestígio. No entanto, é bem possível que quem a detivesse soubesse o seu local de origem e a designasse por *portugall white ware*, tal como aparece nos livros alfandegários do porto de Londres.

A possibilidade de a faiança ter sido utilizada por oleiros londrinos como modelo de inspiração para as suas produções assenta no facto de alguns artefactos portugueses terem sido recuperados em zona de produção de cerâmica, em Londres. Se esta afirmação estiver correcta, apesar de a faiança não ser um achado comum nas casas londrinas, influenciou muita da decoração das cerâmicas ali encontradas.

Estes seriam objectos de prestígio e seriam possivelmente guardados pelo menos durante uma geração. Não é inédito o aparecimento de objectos que sabemos terem sido produzidos na primeira metade do século XVII em contextos da segunda metade, revelando a sua preservação.

É inegável que judeus ingleses de ascendência portuguesa estavam envolvidos no comércio de cerâmica, sendo até possível que fossem grandes consumidores. Os bairros judeus portugueses em Londres estão ainda por descobrir e escavar, mas no único arqueossítio seguramente judeu, em Mitre Street, um prato português foi descoberto no mesmo contexto.

Os achados portugueses identificados nas Ilhas Britânicas demonstram cerâmicas produzidas nos três centros produtores.

Isto significa que todos eles e não apenas Lisboa, produziam cerâmicas de melhor qualidade, destinadas ao mercado europeu, revelando a mestria e especialização dos oleiros portugueses. Até mesmo as produções de Coimbra e Vila Nova descobertas na Inglaterra oferecem uma melhor qualidade que aquelas descobertas em Portugal, exceptuando palácios e conventos.

Lisboa foi efectivamente o maior centro de produção e exportação. Esta conclusão foi tomada com base nos elevados montantes de cerâmica descoberta nas Ilhas Britânicas, mas igualmente nas evidências documentais encontradas nos livros alfandegários ingleses que manifestam Lisboa como um dos principais centros produtores, seguido por Vila Nova e Coimbra.

O estudo de faiança portuguesa nas Ilhas Britânicas revelou que, muito embora a faiança portuguesa fosse uma exportação comum, presença constante em navios, este bem não seria exportado em quantidades imensas. De facto, cruzando informações provenientes tanto de contextos arqueológicos, como documentais é possível afirmar que seria um bem menos frequente que a cerâmica italiana, holandesa ou chinesa. Seria provavelmente consumida com conhecimento directo do que estaria a ser produzido no nosso país possivelmente através de viagens ou indirectamente através de familiares ou outras relações sociais. Essa seria a razão por que só as encontramos em localidades costeiras

A faiança portuguesa complementaria o comércio regular de outros produtos que diariamente saíam dos portos portugueses em direcção às Ilhas Britânicas, tais como vinho, aguardente, açúcar, azeite, fruta, cortiça, entre muitas outras coisas. No entanto, esse complemento económico não seria exclusivo das produções portuguesas. Em Exeter, John Allan não identificou nenhum tipo de cerâmica que por si só enchesse um navio. Muito pelo contrário, todos os tipos de cerâmica, mesmo os vidrados de sal, a importação mais frequente, apenas ocupariam uma pequena parte do porão do navio, raramente identificando navios que transportassem mais do que cem recipientes (Allan).

Tal como foi mencionado, Portugal enviou cerâmica para as Ilhas Britânicas desde finais do século XVI até inícios do século XVIII. Contudo o volume de importações diminuiu intensamente a partir de 1660 e quase que terminou por volta de 1680. Não é fácil compreender as razões que levaram a este fenómeno, mas motivos internos e externos podem estar na sua origem.

As leis proteccionistas conhecidas como *Navigation Acts* foram promulgadas em 1651 e 1673 para tentar promover a produção inglesa, reduzindo o número de importações e aumentando as exportações. Por outro lado, desde meados do século

XVII, a produção de cerâmica inglesa e holandesa conheceu grande incremento.

No entanto, é possível que a maior quebra na exportação de cerâmica portuguesa tenha ocorrido devido a alterações nas exigências estéticas do consumo mundial de louça, traduzindo-se em alterações no gosto das sociedades europeias. Quando o comércio com a China foi recuperado os inícios do século XVIII, a tradicional porcelana azul e branca, apesar de ainda utilizada, começou a ser substituída por produções mais coloridas. As oficinas portuguesas não foram capazes de imitar estas novas produções, tal como tinham feito com as mais recuadas, e continuaram a produzir peças azuis, brancas e violeta. Os únicos mercados seriam Portugal e as colónias.

A produção de faiança portuguesa demonstra, a partir de 1660, um declínio na qualidade das produções, não apenas daquelas que seriam produzidos para serem enviados para fora do país, mas igualmente para o consumo interno. Teria isto acontecido se os motivos do declínio da produção fossem apenas causas externas? Alguns autores acreditam que o fim da ocupação espanhola em 1640 pode ter cortado o acesso a alguns mercados e consumidores. No entanto, o fim do comércio com territórios sob o domínio espanhol foi substituído pela abertura de outros mercados tal como a Europa do Norte, pelo que não parece, *per se*, a única explicação.

Por outro lado, a sociedade europeia enfrenta ainda as consequências da Reforma religiosa, adoptando um estilo de vida com menos ostentação. A cerâmica começa a tornar-se mais simples, quase que novamente branca, com poucos elementos decorativos, o que pode indicar que conventos e mosteiros, reservatórios da vida religiosa, poderiam ditar o gosto e a moda, completamente diferente da demanda que, apenas algumas décadas anteriores, seria feita por elites religiosas e nobiliárquicas.

Apesar de todos os argumentos apresentados, é possível ir além das informações oferecidas pela arqueologia e pela documentação, e a faiança portuguesa nas Ilhas Britânicas era apenas mais um complemento do mercantilismo português. Inglaterra e Irlanda seriam importantes mercados para as olarias portuguesas, especialmente aquelas que produzam para o comércio externo. No entanto, os montantes descobertos em ambos países, até ao momento, esclarecem que o comércio de louça azul e branca em direcção às Ilhas Britânicas não seria fundamental à sobrevivência das olarias portuguesas. Existiriam outros mercados importantes como Portugal e as colónias europeias, onde milhares de artefactos já foram identificados. Nas colónias inglesas na América do Norte a faiança portuguesa era

um bem que estava presente quotidianamente na vida dos seus habitantes, valioso dentro das casas a ponto de constar nos *Probate Inventories* como *Lisbon ware* (Wilcoxon).

O estudo da faiança portuguesa nas Ilhas Britânicas é como diz Orser: “Part of the goal of modern-world archaeology which is to provide localized (micro) historical and cultural information about the process of globalization (macro), illustrating and interpreting its material dimensions” (Orser 283). É inegável que a faiança está a ser identificada um pouco por todo o mundo em locais onde os portugueses viajaram ou foi levada por mercadores de outras nacionalidades.

Agradecimentos

A Maria Leonor Machado de Sousa, do Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, por me convidar a escrever este artigo.



Fig. 1 – Places where Portuguese Faience was identified in England and Ireland

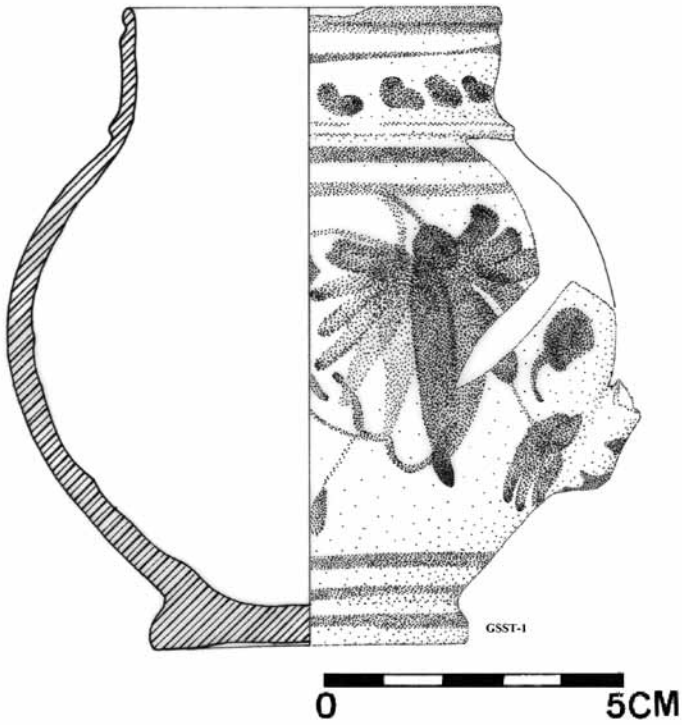


Fig. 2 – Portuguese Faience pot found in Exeter



Fig. 3 – Portuguese Faience bowl found in Exeter

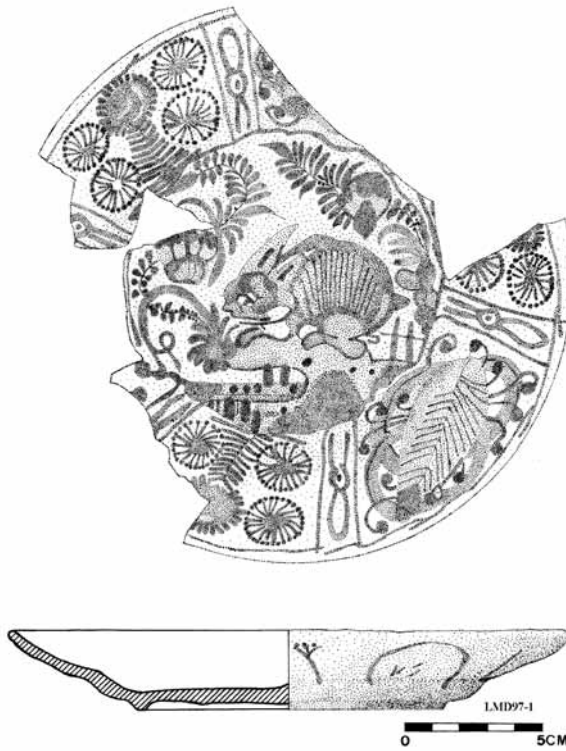


Fig. 4 – Portuguese Faience plate found in London

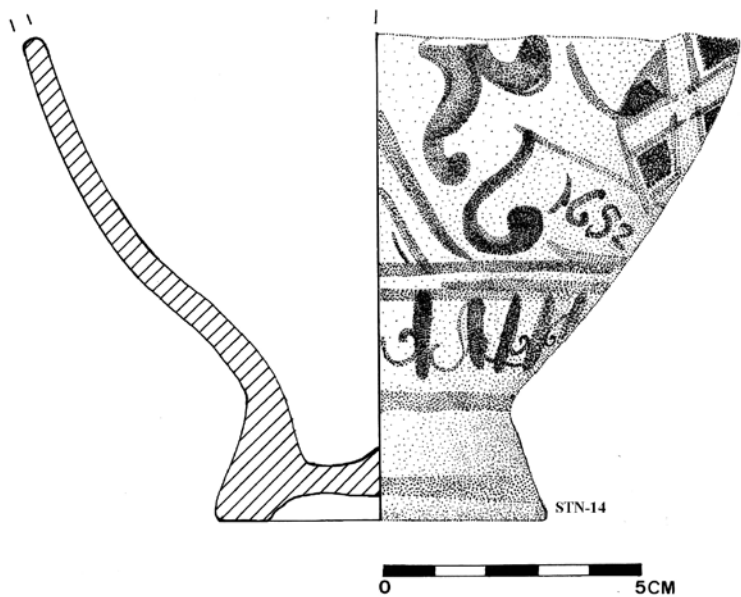


Fig. 5 – Portuguese Faience bottle found in Bristol

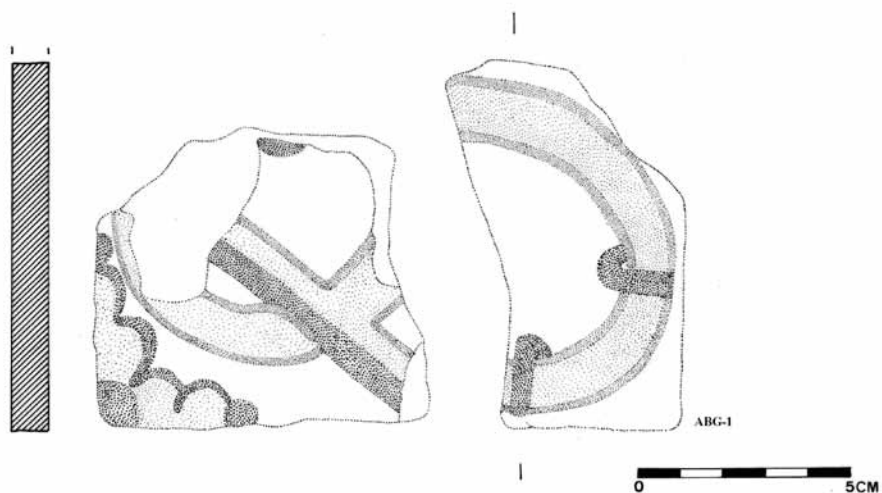


Fig. 6 – Portuguese tile found in Wales

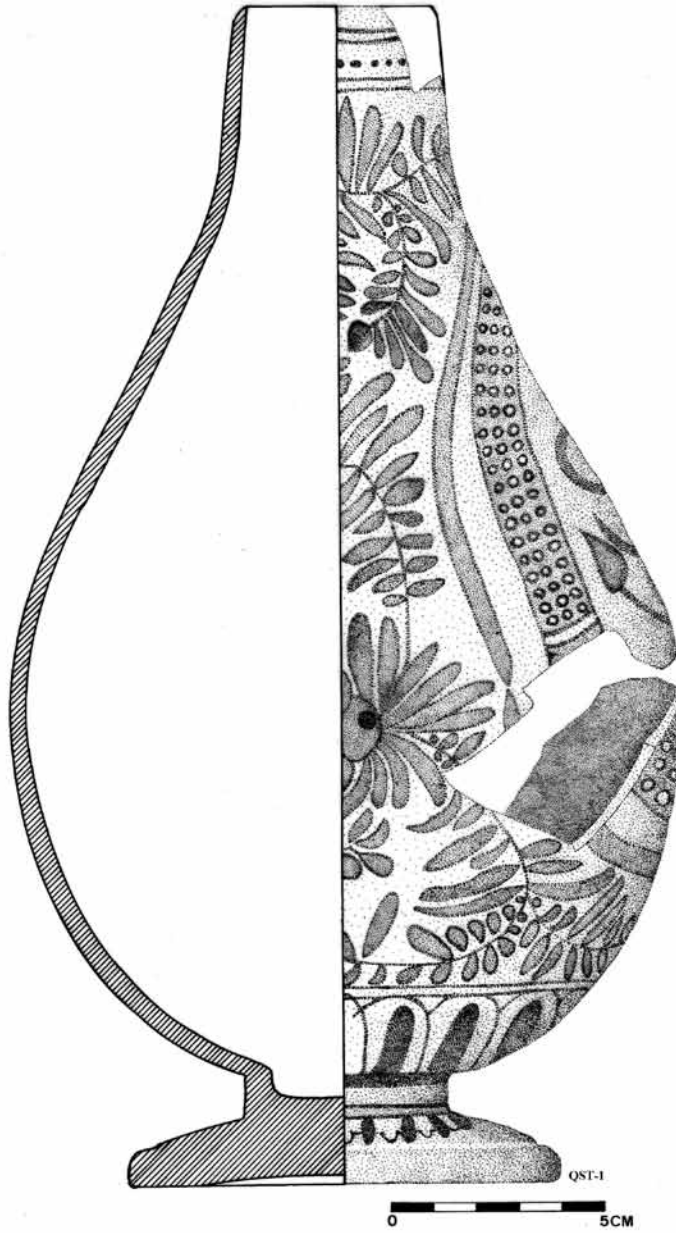


Fig. 7 – Portuguese Faience bottle found in Galway

OBRAS CITADAS

- Allan, J. *Medieval and Post Medieval Finds from Exeter, 1971-1980*. Exeter: Exeter City Council, 1984.
- Almeida, M., M. Neves e S. Cavaco. “Uma Oficina de Produção de Faiança em Gaia nos Séculos XVII e XVIII”. *Itinerário da Faiança de Porto e de Gaia*. Porto: Museu Nacional de Soares dos Reis, 2001. 144-145.
- Carvalho, J. *A Cerâmica Coimbrã no Século XVI*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921.
- Casimiro, T. M. “Portuguese Faience in London”. *London Archaeologist* 11 (5) (2006): 115-121.
- . *Portuguese Faience in England and Ireland*. Oxford: Archaeopress, 2011.
- . “Estudo do espólio de habitação setecentista em Lisboa”. *Arqueólogo Português*, vol.1, 5ª série (2011): 689-726.
- Fernandes, I. “O comer e o beber em louça de barro (do uso das peças: diversa utilização da loiça de barro)”. *Actas do IV Congresso de Olaria Tradicional de Matosinhos – olaria e gastronomia*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 1999. 12-29.
- Gomes, M. V., Gomes, R. V. “Escavações arqueológicas no Convento de Santana, em Lisboa. Resultados preliminares”. *Olisipo*, nº 27, II série (2007): 75-92.
- Keil, L. “A faiança de Hamburgo e as suas analogias com a cerâmica portuguesa.” *Boletim da Academia Nacional de Belas Artes* (1938).
- Orser, C. “The Archaeologies of Recent History: Historical, Post Medieval and Modern World.” *A Companion to Archaeology*. London: Blackwell Publishing, 2006. 272-290.
- Sabrosa, A. “As Faianças da Casa Côrte-Real, Largo do Corpo Santo, Lisboa.” *Actas das 4as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, 2008. 109-142.
- Sebastian, L. “A produção oleira de faiança em Portugal (séculos XVI-XVIII).” Diss. Dout. Universidade Nova de Lisboa, 2010.
- Simões, J. S. *Azulejaria em Portugal no século XVII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.
- Stephenson, R. “Platform Wharf Imported Pottery: potters’ inspiration or stock-in-trade?”. *Medieval Ceramics* 23 (1999): 152-153.
- Vasconcelos, J. *Cerâmica Portuguesa: série III*. Porto: Typographia Elzeviriana, 1884.
- Weatherill, L. *Consumer Behavior and Material Culture in Britain, 1660-1760*, London: Routledge, 1983.

Wilcoxon, C. "Seventeenth-century Portuguese Faiiança and its Presence in Colonial America". *Northeast Historical Archaeology* 28 (1999): 1-20.